

MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE

Submetido em: 05/11/2024

Aceito em: 12/5/2025

Publicado em: 30/7/2025

Anderson Tedesco¹

Roque Strieder²

Arnaldo Nogaro³

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2025.122.17205>

RESUMO

O artigo reflete acerca das contribuições do humanista Mario Osorio Marques no contexto da educação. Trata-se de um pensador original e ainda pouco conhecido na academia, cuja tematização a respeito de sua vida é feita com base na experiência de convívio de um de seus ex-alunos, em consulta a suas obras e em outros aportes teóricos, resultando em pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e poético. Sua postura epistêmica de pensar os problemas

¹ Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Joaçaba/SC, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-7425-1748>

² Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Joaçaba/SC, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-0007-7628>

³ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. Erechim/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-0517-0511>

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

educacionais, o fez romper fronteiras geográficas, dentre seus feitos está a criação da FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) no ano de 1957, hoje Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ e, mais tarde, foi idealizador na abertura do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação – PPGEC/Unijuí. Mario Osorio compreendeu como poucos a importância da Universidade como ambiente de formação e constituição de humanidades, valendo-se de pilares como a pesquisa, a leitura e a escrita. Mais que uma ação de aprender, a leitura e a escrita, para ele, são atos de resistência. Ele deixou muito mais que um legado vivo de compreensão de Universidade e de formação profana que não se entrega ao empobrecimento imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva, à qual fomos e continuamos expostos. Ele deixou o exemplo de persistência epistemológica, demonstrando que ler, escrever e conhecer são pilares de emancipação humana, produtores de mundo, geradores de consciência e energia viva que nos impelem e desafiam a sermos humanos demasiado humanos em nossa intempestividade ético-formativa.

Palavras-chave: Universidade. Formação Humana. Mario Osorio Marques.

MARIO OSORIO MARQUES: A DESECRATOR'S PEDAGOGISMS OF DEATH

ABSTRACT

This article reflects on the contributions of the humanist Mario Osorio Marques in the context of education. He is an original thinker who is still little known in academia. The thematization of his life is based on the experience of one of his former students, in consultation with his works and other theoretical contributions, resulting in bibliographic research of a qualitative and poetic nature. His epistemic stance of thinking about educational problems made him break geographical boundaries. Among his achievements is the creation of FAFI (Faculty of Philosophy, Sciences and Letters) in 1957, today the Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul - UNIJUÍ and, later, he was the idealizer in opening the Postgraduate Program in Educational Sciences - PPGEC/Unijuí. Mario Osorio understood like few others the importance of the University as an environment for the formation and

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

development of humanities, using pillars such as research, reading and writing. More than just an act of learning, reading and writing, for him, are acts of resistance. He left much more than a living legacy of understanding the University and of secular education that does not give in to the impoverishment imposed by the rational, fragmentary and transmissive logic to which we were and continue to be exposed. He left an example of epistemological persistence, demonstrating that reading, writing and knowing are pillars of human emancipation, producers of the world, generators of consciousness and living energy that impel and challenge us to be all too human in our ethical-formative untimeliness.

Keywords: University. Human Formation. Mario Osorio Marques.

INTRODUÇÃO

O artigo em questão, foi imaginado e escrito para comemorar a celebração do centenário em 2025, do nascimento de Mario Osorio Marques, em razão disso; a Revista Contexto e Educação da Unijuí, lança um dossiê temático para o recebimento de artigos com objetivo de reunir tributos (re)flexivos que possibilitem traduzir o legado intelectual do humanista. É, absolutamente, nessa condição, que diríamos (ontológica) que o Humano, Osorio Marques, cria sua jornada como um ato de existir. Ele, nas palavras de Heidegger, é Ser no Mundo e ao estar no mundo – abriu-se em suas relações de viveres e testemunhou em suas obras as dimensões de uma formação: Epistêmica; Ética; Política; Estética e Poética, entre outras.

Dito isto, este é um texto, que se configura como um convite aberto aos contextos formativos - educativos (Escolas e Universidades) para criarem condições de espaços investigativos e não mais postergarem ou dilacerarem as curiosidades dos educandos ou estudantes, para um amanhã que nunca nasce. Por isso, é um chamado urgente, para que nasça o hoje formativo-educativo, cuja mensagem é de que inspirem as crianças, os jovens e os adultos ao espírito do “curiosar”. Desse modo, haverá possibilidades de rompimento às práticas tradicionais, “[...] voltadas à transmissão e à passividade receptiva, tornam-se obstáculos ao desenvolvimento do espírito de curiosidade e de investigação” (Strieder, 2009, p. 10). Aos ditos, “pedagogismos” que se constituem engessados em racionalismos

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

instrumentais, e causam a morte da capacidade de questionar ou de profanar. Assim, inspirado em Mario Osorio Marques, perguntamos: mas, afinal quem foi Ele?

E, tudo se inicia no dia 2 de janeiro de 1925 que lembra, entre outros acontecimentos, o nascimento de um educador humanista chamado Mario Osorio Marques. Nascido na cidade de São Francisco de Paula (RS), Osorio Marques morreu em 14 de dezembro de 2002, aos 77 anos. Aos estudiosos do conjunto de suas obras, deixou um legado inestimável e original, muito do qual, a ser ainda desvelado. É uma voz que precisa ecoar fortemente também nas ciências da educação.

A formação humana de Osorio Marques, foi constituída em uma infância marcada por um contexto geográfico aconchegante e entrelaçado com a própria natureza. Seus pais Francisco Osorio Marques e Maria Ignácia Rodrigues, eram fazendeiros e pecuaristas. Então, imaginamos uma convivência de Osorio Marques, amigável com animais e vegetais e, uma disposição contemplativa com as bonitas paisagens daquele lugar. Ele, próprio nos apresenta:

A paisagem geográfica primeira de meu imaginário foi a localidade de Vista Alegre, denominação então recentemente dado ao antigo Chapéu Velho, próximo ao Morro do Chapéu, e posteriormente substituída pela atual Jaquirana, no município de São Francisco de Paula a que então pertencia, e nos limites com o município de Bom Jesus (Marques, 2006, p. 15).

É nesse contexto de serenidade que se constituíram os primeiros aspectos de uma vivência de infância em alegria. O pequeno menino, já dava sinais de sua grandeza, ele mesmo disse um dia: “[...] obsessão de salvador da pátria, isto é, uma exigência de perfeição exemplar e de participação nos destinos de todo mundo” (Marques, 2006, p. 17). Em suas palavras, indicava alguém que faria a profanação das injustiças sociais. Que estaria atento às mudanças do seu tempo presente e nele agiria conforme as exigências políticas, éticas.

Dentre os depoimentos de sua própria história, um nos chama atenção, relato de um certo dia, em que sua tia lhe perguntou: “O que desejava ser na vida. Minha resposta, clara e seca, me deixa até hoje perplexo: queria ser sábio” (Marques, 2006, p. 20). Tais palavras encontraram sentido quando decidiu seguir em sua vida, um viver numa caminhada religiosa de mundo ao tornar-se frei capuchinho. Também conhecido como Frei Matias, pois pertenceu à Ordem de São Francisco de Paula. Exercendo o sacerdócio na cidade de Ijuí (RS), até a

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

vida e os conviveres, lhe apresentarem novos sentidos. E, em seguida, abandonar esse projeto existencial para constituir família. Essa caminhada na vida religiosa lhe proporcionou uma formação sólida e humana ao concluir filosofia e teologia, e doutorar-se em educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 1996.

Quando se elabora uma escrita que trate da sensibilidade existencial em Mario Osorio Marques decidimos considerar por primeiro as palavras de quem foi estudante do Mestre Osorio, o educador Roque Strieder, quem constituiu memórias e leituras epistêmicas daquele intelectual humanista. Posteriormente, consideramos no conjunto de suas obras a tradução e compreensão de formação humana nos contextos de Universidades, em que profanou e não se entregou ao empobrecimento humano imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva, à qual fomos e continuamos expostos.

A CIÊNCIA DO EDUCADOR MARIO OSORIO MARQUES NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE ROQUE STRIEDER

Concluído o curso em nível Médio no Colégio Normal São Vicente em Itapiranga/SC no ano de 1975, prestei vestibular para ingressar no Ensino superior na então FIDENE - Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – Ijuí/RS. Obtive aprovação na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, no curso de Licenciatura em Ciências – 1º Grau.

Ano de 1976. Primeiro semestre letivo, dentre outros componentes curriculares oferecia o de Sociologia. Um grupo de aproximadamente 50 alunos/estudantes matriculados aguardavam com curiosidade e certo grau de estranheza a entrada do professor desse componente pedagógico, incluído num curso de ciências exatas. Pelos corredores do prédio da FIDENE já havíamos ouvido falar do Prof. Mario Osorio Marques, também nomeado Frei Matias. As referências sinalizaram tratar-se de Professor sério, exigente, reflexivo e capaz, mas de tratamento suave e cordial junto aos alunos/estudantes.

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

Como iniciantes no Ensino Superior, a expressão sociologia tinha significado restrito e simplista. Após as exposições iniciais do Prof. Mario Osorio Marques a concepção se ampliou mas, geraria muita confusão mental uma vez que marcava distâncias do mensurável e exato. Trata-se de uma ciência humana visando estudar, para conhecer e entender melhor relações intersubjetivas e relações humanas no âmbito das estruturas sociais. Assim, Mário Osório Marques nos convidou a pensar sobre os comportamentos das pessoas em âmbito social e, portanto, também escolar. Tratava-se de um contexto de variáveis com muita aleatoriedade, envolvendo as singularidades tanto quanto as diversidades, de difícil ou mesmo impossível quantificação, foco maior na centralidade de nosso curso. Tivemos que renunciar ao esteio seguro de princípios, teoremas e fórmulas matemáticas e tentar alargar nossos pensares para variáveis insubmissas, dançantes e ondulantes onde a efemeridade tende ao “tudo o que é sólido desmancha no ar”⁴. Mário Osório nos convidava para reflexões visando compreender a existência de comportamentos e condutas em âmbito social, não mensuráveis, porque envoltas pela cultura, pelas tradições, pelos conservadorismos, mudanças, inovações e acontecimentos nos viveres e conviveres cotidianos. Sim, ele alertava sobre a possibilidade da existência de padrões de relações sociais, padrões de interações sociais, mas padrões inexatos, mutantes, que profanam e se profanam, tangenciando-se das fórmulas prontas para enquadrar, mensurar e certificar uma verdade absoluta.

Graduado em filosofia, com trânsito fácil pelo latim, nos alertava constantemente sobre a importância etimológica da origem e evolução das palavras e expressões. Um alerta importante, pois, na condição de seres linguajantes, nosso linguajar é também nosso modo de viver, nosso modo de fazer “coisas”, de fazer-se gente, de fazer-se ser humano. O linguajar coordena nossas condutas ao convivermos, ou seja, ao sermos consensuais. É dessa maneira que Maturana (2014, p. 168) entende a linguagem, sendo a mesma um fenômeno biológico que

consiste num fluir de interações recorrentes que constituem um sistema de coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta [...] Nenhuma conduta, nenhum gesto ou postura corporal particular constitui por si só um elemento da linguagem, mas é parte dela somente na medida em que pertence a um fluir recursivo de coordenações consensuais de conduta.

⁴ Referência ao livro de BERMAN, Marshall. 10ª reimpressão. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

É com essa compreensão que Mário Osório procurava nos alertar de que a razão e a lógica cartesiana do raciocínio, seja o matemático das ciências exatas, ou de qualquer ciência humana não se encontram ancoradas em princípios transcendentais e, portanto, não se constituem com validades universais. Não foi fácil, na época, entender e aceitar que nosso operar como sistemas vivos e nele nosso pensar se constitui e é constituído de argumentos que nós construímos fundamentados em nossos domínios particulares de coordenações consensuais de condutas (Maturana, 2014).

Atualmente, compreende-se quão profundo e diferente eram as proposições e provocações filosóficas, sociológicas e epistemológicas de Mário Osório Marques. Ele anunciava a importância de profanar o discurso e a lógica dos conhecimentos pragmáticos e instrumentalizados, sempre de cunho utilitarista e mercadológico e a serviço da dominação e do poder. No escopo desse conhecimento escondiam-se os lados obscuros e controversos das ameaças humanas, sociais e históricas. Sustentava Mário Osório Marques que esses conhecimentos fomentam expectativas de eficiência voltadas exclusivamente ao econômico-mercadológico, visando reduzir o ser humano a um instrumento útil e produtivo, sedento por consumismo. Um ser humano sem identidade, individualista e empresário de si mesmo e em busca de ascensão social.

Mário Osório sentia-se revestido pelo temor e o exalava diante de seus alunos/estudantes ao falar das ameaças de que a racionalidade científica e tecnológica se tornaria o foco central e um eixo condutor dos fazeres e das condutas na atualidade contemporânea penetrando inclusive as instituições de ensino em qualquer nível de atuação.

Na atualidade Pós-moderna listamos miríades de efeitos perversos e danosos aos propósitos de humanização, como a algoritmização de nossas condutas, os danos à saúde resultantes de alimentos superprocessados e de baixa qualidade nutritiva, os danos à capacidade reflexiva e uma consequente condição de paralisia frente à redução do ser humano a um produto de serventia técnica. Por isso mesmo, o viver e o fazeres pedagógicos, profundamente sustentados em princípios epistemológicos de Mário Osório se enraízam, não somente em ladainhas de denúncias, mas, também em rosários de proposições reflexivas em nível intelectual acenando para diferentes possibilidades formativas. Ele era sabedor da

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

importância dos conhecimentos técnicos, mas os postulava como incapazes de substituírem a reflexão intelectual e fundamentarem os agires éticos.

Em todos os âmbitos de seus que fazeres docentes e formativos, Mario Osorio conclamava pelo engajamento de professores compreendendo ser tarefa escolar prioritária a formação, seguindo-se a da instrução. Seu grande legado em artigos, capítulos de livros e mesmo livros enfatizam com veemência a importância da oferta formativa humanizadora, ancorada em dinâmicas questionadoras capazes e construtoras de diferentes conhecimentos. Eis sua perspectiva epistemológica, visando melhor compreensão da condição autopoiética de todos os seres vivos, incluídos os humanos, da complexidade social, sua diversidade, sem nunca varrer para o esquecimento as singularidades. Nessa sonhada aventura epistemológica está o respeito à alteridade, um marco importante de desvio da dominação ideológica, repressiva e racista, sempre refém da misoginia e da aporofobia.

Especificamente, na atualidade contemporânea, o legado deixado por Mário Osório Marques comparece como referência forte diante retração dos pensares reflexivos e criativos. Com pesar deve acompanhar o nível de decadência intelectual que tende a ser instalado também em âmbito do Ensino Superior cada vez mais submetido a doses de dominação ideológica substituindo aulas presenciais, aulas do face a face, do conversar⁵, por aulas na modalidade à distância, distâncias intersubjetivas, distâncias reflexivas, distâncias argumentativas, distâncias no conversar... Os professores, muitas vezes, movidos pela docilidade, se acomodam e se transformam em meros instrutores quando não em mediadores. Tornam-se simples responsáveis por *feedbacks* aos alunos e suas postagens virtuais. Mário Osório deve ficar estarecido ao saber que a epistemologia acaba, muitas vezes, dando lugar ao *marketing*, ao *ranking* e à publicidade, à *influencers* que começam a marcar presença em ambientes escolares presenciais e virtuais.

Estarecido ao saber que as dinâmicas das aulas presenciais, fundamentadas no conversar, na reflexão intelectual, no despertar da curiosidade, no reaprender a fazer perguntas, no caminhar investigativo estejam sendo rendidas, gradativamente, ao âmbito das oficinas. Oficinite, como escreve Lafuente (2020). Lá onde “se lê pouco e com pressa. Se

⁵ Segundo Maturana (2014, p. 167) Conversar do latim “*cum*, que quer dizer “com”, e *versare* que quer dizer “dar voltas com” o outro.”

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

discute menos do que se fala”. Um modelo “pedagógico” instrumental sem questionar conceitos, práticas, códigos, dispositivos ou estilos tecnocráticos. Elas visam moldar e adequar alunos a rapidamente se tornarem leitores de tutoriais. Oficinas concentradas e curtas, onde não cabe espaço para tentativas, para o incerto, o imperfeito. São espaços de estagnação onde se forma gente obediente e conformista (Lafuente, 2020).

Mario Osorio Marques! Apesar de todos esses desencontros no âmbito das Instituições de Ensino, existem os resistentes, que também sonham uma re-existência. Existem os profanadores, como defende Agamben (2007) sonhando diferentes usos para atividades pedagógicas e formativas. Existe o educador infame conforme Michel Foucault (2003). E, com ele, a insistência na singularidade, nas vidas singulares, aquelas sabotadas pela lógica da massificação e pelos universalismos.

Existem, Mario Osorio Marques, na atualidade os defensores da Biologia do Conhecer e da autopoiese que semeiam concepções inovadoras como: 1) “[...] o principal para explicar e compreender os seres vivos era levar em conta sua condição de entes separados, autônomos, que existem como unidades independentes” (Maturana; Varela, 1997, p. 11); 2) que os seres vivos em geral e os seres humanos em particular, são possuidores das seguintes características: a) são seres autônomos; b) são seres possuidores de individualidade; c) são seres definidos como unidades; d) são seres não dotados de entradas e saídas, embora possam “[...] ser perturbados por fatos externos, e experimentar mudanças internas que compensam essas perturbações” (Maturana; Varela, 1997, p. 73). 3) Que se quisermos conhecer e compreender o fenômeno do conhecer “[...] o que tenho que fazer é explicar o ser humano; explicar esse conhecedor, que sou eu ou qualquer um de nós” (Maturana, 2001, p. 27). Outros e tantos outros...

Enfim, Mario Osorio Marques, continuas vivo, continuas vivendo e fazendo diferenças, continua sendo alargado teu legado como algo bem feito e além disso bonito e continuamos cientes da importância da pedagogia, e conscientes da impossibilidade de substituí-la pela “Inteligência Artificial (IA)”.

MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE

**MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO INTEMPESTIVO E PROFANO DE
UNIVERSIDADE**

Em face disso, compreende-se que, no contexto da Universidade, há a necessidade de (re)pensar os pressupostos de formação humana. Elas, precisam se constituir em condições éticas que se traduzam em sensibilidades planetárias. Tal proposta é desafiadora e complexa, mas urgente em nossos espaços formativos e educativos. Esses novos caminhos do formar o humano “[...] requer abrir-se para a curiosidade e desejar mergulhar não apenas no já conhecido, mas e, principalmente, nas profundezas do ainda não conhecido” (Strieder, 2009, p. 9). É preciso profanar os conformismos da passividade e das transmissões de conhecimentos lineares e, assim, criar, em contextos formativos e educativos, possibilidades do (re)fazer o convite à curiosidade. Essa profanação implica rompimentos com os pedagogismos das respostas prontas e acabadas e dos racionalismos da morte.

Pensar em reflexões sobre o humano, que sejam consistentes na perspectiva dos processos educativos, requer relembrar os sentidos epistêmicos, éticos-poéticos, estéticos e políticos da história da Universidade, dos ditos Templos Sagrados do Saber. Sabe-se que a **rememoração**⁶ **histórica** é fundamental para legitimar esses espaços, como formativos. E, assim, ampliar tais diálogos formativos.

O tensionamento a respeito da universidade enquanto espaço de formação humana nos remete ao questionamento de Maturana e Rezepka (2003): quando começou o humano? Certamente muito antes da criação da academia. No entendimento dos autores, nós existimos na linguagem e em todas as nossas obras ao longo da história, no entanto, por que precisamos recuperar o questionamento da formação humana? Porque não basta provermos as condições materiais para que nos definamos, há elementos mais profundos da dimensão da existência que necessitam ser incluídos. Mesmo que sejamos o presente de um processo de evolução histórica, remanescentes de um projeto em curso, há muito por se fazer na tarefa de hominização, motivo pelo qual vislumbramos o *locus* universitário como contexto

⁶ Segundo Vaz (2006, p.17), “[...] a **rememoração** (*Erinnerung*) histórica dos problemas filosóficos remonta, como é sabido, a Platão e foi ilustrada amplamente por Aristóteles como parte essencial do método de pesquisa. E a essa rememoração Hegel deu uma estrutura dialética em suas célebres “*Lições sobre a História da Filosofia*”.

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

privilegiado de polimento do ser humano em busca de sua melhor versão. A universidade, enquanto modo de estar e ser do humano abre-se como incubadora da constituição de si e do outro, na consciência eminente “[...] com o bem-estar do outro, temos preocupações éticas, atentamos ao que fazemos e nos preocupamos com suas consequências em outros seres humanos e não humanos” (Maturana; Rezepka, 2003, p. 75).

No percurso da constituição ontológica gregária e coletiva dos estudantes, o ambiente universitário reveste-se de compromisso com a dignidade humana espelhada na conduta docente, no respeito à autonomia criativa e no protagonismo de quem vem, não somente para aprender, aprimorar-se, eivar-se de conhecimento, mas para ser, para a criação de um mundo que rompe com as idiossincrasias em busca da consciência social, olhando o ser do outro enquanto projeta e arquiteta o seu. Não se trata de ver a universidade como correção de percursos malfeitos, mas de um espaço/tempo relacional essencial para a descoberta ou mesmo criação de um sentido comum onde há possibilidade de crescer, de exercer livremente o pensamento crítico, da emergência da consciência política, da descoberta e recriação dos significados do existir, da superação do *Homo Faber* com sua mecanicidade e instrumentalidade que gera sofrimento e o faz sucumbir pelo desaparecimento do espírito criativo que provoca a perda do *sensus existentia*.

Marques (1990), enquanto homem de Ciência e com aguçado espírito investigativo, nos alertava dos perigos da instrumentalidade e do mecanicismo operante nos ambientes formativos. Ao observar a ampliação e ocupação do território pela cibernética e informática, hoje materializadas na IA, constata que sua invasão no pensamento humano o fecunda

[...] e impulsionam em dimensões incomensuráveis, mas que, no seu próprio poder de eliminar as difunções e desodens, limitam-no e o reduzem à lógica instrumental da simplificação e da manipulação generalizadas e inconsistentes, podam-no de suas capacidades de livre jogo e de criticidade, de incorporar e processar a desordem, o imprevisível, a relativização da própria razão (Marques, 1990, p. 29).

A universidade do século XXI carrega consigo os embates de diferentes grupos sociais cujos ideais estão circundados por questões políticas, ideológicas, econômicas, epistemológicas... e cujos interesses nem sempre colocam no centro de suas preocupações o *Homo Sapiens*. Pelo contrário, o ápice do tecnicismo instalado ampara-se na crença de que a

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

IA pode substituir a árdua missão acadêmica de formação do ser humano, como humano. Encontramos docentes universitários assustados pelo medo de serem substituídos por ela e serem obrigados a deixarem seus postos. Contudo, é aqui que cabe indagar e resgatar a essência formadora e significativa da universidade, questionando-nos: universidade para quê? Para quem? Com qual propósito?

Vemos universitários utilizarem ferramentas da IA (nominada por alguns como inteligência sintética⁷) para dar conta das tarefas acadêmicas e cumprirem suas incumbências de “estudantes”. Se Mário Osorio estivesse vivo, como um humano atento ao seu tempo, não negaria este fenômeno como decorrência de um dos braços da sociedade vigente, mas teceria suas considerações críticas com a lucidez intelectual que lhe era peculiar. Não condenaria a lógica do uso ferramental, mas nos aconselharia a pensar mais profundamente nas consequências e no resultado de tudo isso. O que aparece para muitos como cor suave e agradável aos olhos, para Mario Osorio (1990, p. 32) estaria no campo do fragmentado, do esmigalhado ao extremo, abstraído de seu “[...] ambiente e de seu sistema de relações, o objeto do conhecimento tornou-se manipulável para a experimentação, mutilado em seu ser, separado de suas condições de existência, artificialmente reproduzível”.

A universidade contemporânea parece viver uma crise de identidade e sofrer com a perda de seu lugar de referência do saber. Emergem iniciativas e modelos de se produzir “conhecimento” que disseminam a ideia de que se constituem em arautos e realizadores dos desejos da sociedade no que diz respeito à inovação e à resolução dos problemas que enfrentamos, dispostos a ocupar o lugar da formação oferecida pela universidade. Ela não é mais concebida como produtora de ciência e vanguarda do pensamento criador, para ser vista como reduto da morosidade e do artificialismo cognitivo, pelos “gurus” do pensamento “disruptivo”, cujas características são o sofisma e a superficialidade de pensamento, que servem de alimento ao vazio epistemológico sobre o qual se sustenta nossa sociedade. Guitton (2018) tem opinião formada a respeito disso quando diz que nossa civilização, supersaturada de conhecimentos e meios de conhecer, proporciona ao ser humano tantas máscaras e tantos falsos apoios que ele já não distingue entre o que sabe e o que ignora.

⁷ Neurocientista Álvaro Machado Dias. <https://www.youtube.com/watch?v=MuvoQvYIIDU&t=1269s>

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

Marques (2003) viveu em um cenário bastante diferente do que vivemos no século XXI, cuja tônica é a mediação tecnológica e o governo dos algoritmos, cuja ânsia pela novidade beira à patologia. Este nos põe diante de muitos dilemas e incertezas pois, nem tudo que é novidade é bom ou gera bem-estar. Embora haja propaladores da era digital, no nosso ponto de vista, pairam muitas preocupações com o que observamos no seio da universidade, especialmente de uma aceitação passiva, sem reservas, de certos modismos que comprometem a formação do estudante. A redução da competência linguística (pobreza vocabular, incapacidade de escrita e de interpretação de textos mais complexos), pouca proficiência em textos densos, a cultura da resenha no lugar da leitura extensa e profunda e a ausência de rigorosidade metódica para com o estudo transformam a universidade em uma ilha da fantasia na qual a reprodução é aceita em detrimento do desenvolvimento da autonomia de pensamento, de construções escritas e reflexivas que emergem das entranhas de nossa mente orgânica. Este combo seria aprovado por Marques (2003, p. 26), especialmente porque via a escrita como recurso de formação, como “[...] provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio da investigação”, quase que exceções na experiência acadêmica de hoje, elementos substituídos, empalidecidos e desidratados pela racionalidade instrumental que colonizou a mente atrofiando-a na prática de significativo número de docentes e alunos/‘estudantes’ do ensino superior.

Quando pensamos na universidade, sob a lógica do raciocínio de Marques (2003), vemo-la como um ateliê de criatividade onde os estudantes a ela recorrem para expandir seus desejos e materializar seus propósitos, formativos e profissionais, mais sagrados. O encontro com o pensamento criativo não corre como condição de resposta ou desafio diante de um problema prático a ser solucionado, mas enquanto satisfação de uma aspiração (Morin, 2020), como recurso da poesia da vida e dos viveres com seus sofrimentos, alegrias, pesares, felicidades, jamais quantificáveis pelo cálculo matemático, mas como recursos da emocionalidade e da alma, redutos do viver e conviver não algoritmizáveis.

A leitura das obras de Mário Osorio instiga o pensamento disruptivo, nos situa em outro patamar cognitivo, antagônico à lógica de *Thánatos*. Para ele, a letra mata, o espírito vivifica. Espírito este fugidio, mas que se renova a cada esforço cognitivo feito por professores e estudantes em nome da ζωή (vida) no intuito de superar a macabra condição

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

proposta pelos mensageiros do perecimento humano. A universidade deve contrapor-se à reprodução, à cópia, ao texto padronizado do *ChatGPT*, pois eles são artefatos de *Thánatos* do conhecimento e da formação. Na medida em que se legitimar a implementação deste raciocínio perderemos por completo a essência formadora, pois como Guitton (2018, p. 111) nos pede, é “[...] preciso nunca esquecer que o que nos é oferecido nesse instante não nos será proporcionado de novo. O que em determinado momento omitimos, omiti-lo-emos para todo sempre”. Recuperar o caráter formativo da universidade torna-se o objetivo primeiro e originário, sempre lembrando que os obstáculos são grandes e entranhados no bojo do sistema tecno-capitalista que toma a universidade como meio de realizar seus interesses. Para contrapor-se ao que está posto, há que se ter como princípio a formação humana como processo essencialmente autorreflexivo e, tendo-se em vista o fato iniludível de que a Declaração de Bolonha anda na contramão dessa experiência fundamental, é preciso que apontemos e lutemos contra o desrespeito das políticas educativas empenhadas em obnubilar e mesmo sufocar seu potencial formador (Dalbosco; Flickinger, 2024).

A Universidade, inspirada no legado de Mario Osorio Marques, se apresenta como um espaço profanador e intempestivo, nela a ciência não é meramente um corpo de conhecimentos sistematizados e aplicados e nem um desafio indubitável na busca por verdades, mas um modo de viver dedicado à paixão pelo explicar (Maturana, 2001). A ciência jamais pode assumir responsabilidade por si mesma. Quem terá que fazê-lo são os cientistas e indivíduos de modo geral. A ciência continuará sendo insuflada tanto pela curiosidade quanto pelas questões de poder. A curiosidade só encontra motivação e abertura para *insights* originais e criativos se as chamadas barreiras da certeza e da fixação deixarem de assumir a condição de rígidas e se perceberem abertas. Ou seja, desenvolver conceitos não-lineares, opostos tipo a causa disso é aquilo, como visões multifacetadas, possibilita que inúmeras variáveis transitem e influenciem a complexa trama de nosso funcionamento e do funcionamento das coisas à nossa volta. Dito isto, não temos dúvidas, de que assim, seria uma aula (re)flexiva na presença de Osorio Marques.

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS

É possível exaurir, do conjunto de obras em Mario Osorio Marques, três dimensões de uma pedagogia ou ciência do educador intempestivo: 1) Hermenêutica; 2) Crítica-dialética e 3) Racionalidade epistêmico – instrumental. Na primeira encontramos subsídios epistêmicos que nos impulsionam para a constituição de uma formação universitária “em contraposição ao objetivismo científico e à imparcialidade metodológica baseada na oposição homem e mundo, sujeito e objeto, a hermenêutica considera o homem como ser-no-mundo” (Marques, 1990a, p. 93). Dito isso, caracteriza-se como pedagogia hermenêutica aquela que: “[...] procura penetrar no tempo da educação para desvendar-lhe o sentido histórico. [...] Trata-se de um ‘refazer para trás’ do processo pelo qual se sedimentaram os sentidos que agem na subjetividade presente e as condições materiais que os sustentam” (Marques, 1990, p. 18).

É a capacidade legítima de tradução e compreensão da cultura na tradição, não descartando, mas dando novos contornos e movimentos formativos e educativos. Diria Marques (1990a, p. 94) “[...] reconstruí-los em seu sentido de agora, em sua capacidade de ainda fazer história, em suas influências sobre as gerações posteriores”. Por conseguinte, ainda segue em sua argumentação, de que esses outros contornos hermenêuticos possibilitariam “[...] produzir a significação efetivadora e atualizadora da consciência histórica na fusão dos horizontes do passado e do presente como alteridade no horizonte maior e móvel da história eventual, ou histórias dos efeitos que se atualizam” (Marques, 1990a p. 94).

Já na pedagogia crítica – dialética: “[...] o plano crítico do sentido radical da emancipação humana” (Marques, 1990a, p. 105). Trata de uma nova leitura de mundo, pois existe um rompimento com o “[...] sentido dado na facticidade, para estabelecê-lo no horizonte das possibilidades abertas à ação comunicativa, fundada na participação livre e igual de todos os envolvidos no processo da educação” (Marques, 1990, p. 19). Em outras palavras, é o re-acendimento da chama da curiosidade irreverente que conduz o ser humano às profundezas do ainda desconhecido. Existem impenetráveis e sagradas sendas e fissuras da condição de ser humano a serem desfolhadas pela curiosidade. A condição cosmológica, tanto do universo, quanto da sociedade e das salas de aula contém ilusões e equívocos que somente

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

uma ardente curiosidade pode desejar vasculhar. A curiosidade, em qualquer fase da vida e dos viveres, implica numa insaciável construção e afirmação da vida e de conhecimentos, pois aceita-se que “[...] todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer” (Maturana; Varela, 1995, p. 70). É ela a mola-mestra que impulsiona o vir-a-ser, como um grande jogo versátil, intensamente alimentado pela impressionante capacidade do ser e do fazer diferente.

Por último, na pedagogia epistêmico-instrumental, nela aflorasse essa intempestividade de uma Universidade que profana as fronteiras epistêmicas do *Trivium* e do *Quadrivium*:

1) seja dos conteúdos do saber que devem ser criticamente avaliados, selecionados/priorizados, ordenados e graduados, para que se façam orgânicos e adquiram o real sentido com que se inscrevem na ação proposital do ensino/aprendizagem; 2) seja do currículo oculto nas formas em que são trabalhados os conteúdos, e nas normas, valores e crenças; 3) seja dos procedimentos didáticos, das tecnologias desenvolvidas, dos materiais do ensino/aprendizagem, para que se façam fundados no estado atual do desenvolvimento das ciências concernidas e se inscrevam na ação proposital presidida pela prática pedagógica (Marques, 1990a, p.107).

Uma Universidade que se constitua em sabedoria apesar de conviver com o *ecomomicus* para, ainda assim, fazer brotar a curiosidade energizada, que permite romper com o empobrecimento imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva, à qual fomos e continuamos expostos. Lógicas que se constituem em verdadeiras barreiras cerceando nosso desenvolvimento numa perspectiva sistêmica e interdependente. A curiosidade é fundamental para o rompimento da barreira do dualismo dependente/independente e para a criação de pré-disposições ao desenvolvimento da noção inédita de interdependência. O ensinamento dos formados (as) é também criar explicações e conhecimentos que possam contribuir para uma vivência e convivências diferentes e melhores. Seu esforço deve ser no sentido de contribuir para aliviar o sofrimento bio/psico/afetivo dos seres humanos bem como suas inúmeras cegueiras antropológicas, teóricas e ideológicas dos pedagogismos da morte. Assim, lembramos do irreverente e cordial educador humanista Mario Osorio Marques, e finalizamos nossa escrita com as palavras em *devir* do Amigo, de Mario: Paulo Evaldo Fensterseifer, que não é poeta, mas chama poesia o que escreve na dor e com dor escreve:

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

Saudades do Mario
Orfandade é o que sentimos
Afinal
Todos somos um pouco Mario
O Mario porém se foi
E presente ficou
No que em cada um de nós deixou
Só mobilizando este pouco de Mario que temos em nós
Podemos amenizar o vazio de sua ausência
Jamais substituir sua singular presença
Nosso universo ficou incompleto
Como incompleto era o Mario
Ninguém mais que ele tinha consciência dessa incompletude
O mundo para ele era incompleto
As leis e regulamentos eram incompletos
Os livros e autores eram incompletos
Por isso superáveis
Esse movimento dialético
Colocava o Mario sempre em busca de uma nova síntese
(segundo alguém o Mario sempre estava “sentado na síntese”)
Mas a síntese para o Mario
Não era nunca “A” síntese
Eram momentos de um caminho sempre a se fazer
Momentos que Mario objetivava em livros
Escritos para pensar e continuar escrevendo e pensando
Por isso esse Mestre transformava-se facilmente
Em aluno da primeira fila a escutar
Humildade que só a inquietude intelectual produz
Humildade que escondia o Mario incendiário
Que espalhava centelhas em tudo e em todos que tocava

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

Mas não se satisfazia com a autoria do fogo
E sim com nossa capacidade de mantê-lo aceso.
Enquanto a chama das instituições que ele criou
E das inquietudes intelectuais que ele gerou
Estiverem ardendo
A morte do Mario será apenas
A morte de uma semente.
Saibamos cultivá-la
Seus frutos podem amenizar a dor
Da saudade do Mario.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BERMAN, Marshall. 10ª reimpressão. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- DALBOSCO, Claudio A.; FLICKINGER, Hans-Georg Diálogo entre Hans-Georg Flickinger e Claudio A. Dalbosco: traços de uma viagem hermenêutico-formadora. In: DALBOSCO, Claudio A. [et al.] (Org.). *Universidade formadora: Festschrift a Hans-Georg Flickinger*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024. p. 12-40
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.
- GUITTON, Jean. *O trabalho intelectual: conselhos para os que estudam e para os que escrevem* Campinas, SP: CEDET, 2018.
- LAFUENTE, Antonio. Educação: a aposta radical do ofcinar. Publicado por *Outras Palavras em 10-12-2020*. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605489-educacao-a-aposta-radical-do-ofcinar>. Acesso em: 12/12/2024.
- MARQUES, Mario Osorio. Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1984. *Revista pedagógica*, v.18, n.37, jan./abr. 2016.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1988.

MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE

MARQUES, Mario Osorio. *Pedagogia: a ciência do educador*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1990 (2002).

MARQUES, Mario Osorio. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1992.

MARQUES, Mario Osorio. Os paradigmas da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: MEC-INEP, v. 73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992a. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view-File/389/394>. Acesso em: 1º dez. 2015.

MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1993.

MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. *Educação/interlocução, aprendizagem/ reconstrução de saberes*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1996.

MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997 (2003).

MARQUES, Mario Osorio. *A escola no computador: linguagens articuladas, educação outra*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. *Educação nas ciências: interlocução e complementaridade*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. O educador/pedagogo na relação educativa direta. *Contexto e educação*, Ijuí, Livraria Unijuí editora, v. 1, n. 1, jan./mar. 1990. p. 17-30

MATURANA, Humberto. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

MATURANA, H.; VARELA, F. *De máquinas e seres vivos: Autopoiese: a organização do vivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima N. de. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Campinas/São Paulo: Editora Psy II, 1995.

MORIN, Edgar. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2020.

TREVISAN, Amarildo Luiz. O último refúgio da palavra: o desafio de escrever como gente. Escrever com alma, sentimento... “é mais do que desafio. É ato de resistência”. *Claudemir Pereira [online]*, 08 fev. 2025.

**MARIO OSORIO MARQUES: UM PROFANADOR
DOS PEDAGOGISMOS DA MORTE**

Autor correspondente:

Anderson Tedesco

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

R. Getúlio Vargas, 2125 - Flor da Serra, Joaçaba/SC, Brasil. CEP 89600-000

anderson.tedesco@unoesc.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.



PRE-PROOF